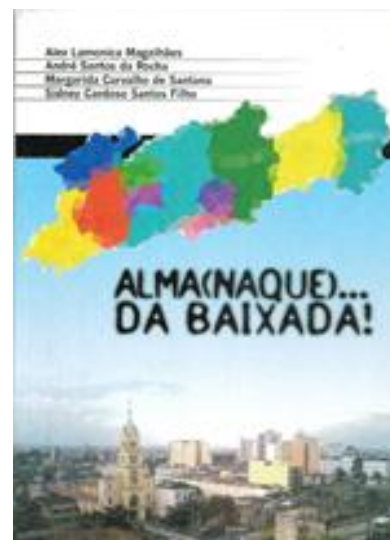


UMA NOVA GEOGRAFIA DA BAIXADA FLUMINENSE¹

Leandro Dias de Oliveira²

Resenha do livro de MAGALHÃES, Alex Lamonica; ROCHA, André Santos da; SANTANA, Margarida Carvalho de; SANTOS FILHO, Sidney Cardoso. *Alma(naque) da Baixada!* Duque de Caxias – RJ, Editora APPH-CLIO, 2013, 104 p.



Nas últimas décadas a Baixada Fluminense vem experimentando fortes modificações em sua estrutura econômica, social, política e cultural, que envolve o aparecimento de novos investimentos e / ou incremento de antigas bases produtivas. Assistimos, no tempo presente, a uma verdadeira reestruturação territorial-produtiva desta área, o que requer a construção de novas matrizes interpretativas para esta região. A Baixada estigmatizada pela violência urbana (ALVES, 2003) dá lugar a uma região promissora para os mais diversos investimentos, do ramo hoteleiro-imobiliário

¹ Resenha desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa “O Processo de Reestruturação Territorial-Produtiva no Oeste Metropolitano Fluminense”, com o apoio da **Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ**, através da modalidade de **Auxílio-Instalação concedido ao Prof. Leandro Dias de Oliveira**.

² Doutor em Geografia pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Mestre e Licenciado em Geografia pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Departamento de Geociências da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e líder do Grupo de Pesquisa “Reestruturação Espacial Contemporânea”, registrado junto ao Laboratório de Geografia Política e Práticas Educativas [REC-LAGEPPE]. E-mail: leandrodias@ufrj.br

ao técnico-industrial (ROCHA, 2014); da mesma maneira, as distâncias encurtaram, e o Arco Rodoviário Metropolitano surge como símbolo máximo desta revolução logística e industrial extemporânea nas bordas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Esta reestruturação territorial-produtiva em curso (OLIVEIRA, 2014a e 2014b) – *territorial*, porque envolve relações de poder e novas espacializações econômicas e sociais; e *produtiva*, porque está calcada em um novo modelo econômico flexível (HARVEY, 1992 [1989]; HOOGVELT, 1997, entre outros), devidamente adaptado à realidade brasileira – está fundamentada principalmente no aparecimento de novos investimentos fabris e conseqüentes economias de escala, com empreendimentos vinculados à esfera produtiva (galpões, armazéns, retroportos, garagens, firmas logísticas etc.). Neste caso, tal reestruturação compreende desde a instalação da base exploração da camada Pré-Sal da Petrobrás em Itaguaí e as inúmeras intervenções realizadas nesta sub-região (Itaguaí – Mangaratiba – Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro), até a consolidação do Distrito Industrial de Queimados (MORAIS, 2014), o polo de cosméticos de Nova Iguaçu, os complexos químico-farmacêutico da Bayer, em Belford Roxo, e gás-químico da REDUC, na cidade de Duque de Caxias.

Associados a estes investimentos do ramo industrial-produtivo, emergem uma série de alterações espaciais que remetem à constituição de infraestrutura, desde a consolidação de áreas habitacionais populares e de classes médias e altas até mesmo a expansão do porto de Itaguaí e edificação de eixos de ligação, com destaque para Arco Rodoviário Metropolitano, que ligará – quando estiver completamente estruturado, pois ainda falta a reestruturação do segmento Magé-Manilha – o Complexo Petroquímico do COMPERJ [Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, em processo de implementação no eixo Itaboraí – São Gonçalo, no Leste Metropolitano] ao Porto de Itaguaí (GOMES FILHO, 2013), a ampliação da Via Light, que ligará Nova Iguaçu até a Avenida Brasil, e a perspectiva da construção da Transbaixada, que perpassará a Via Light até a Rodovia Washington Luiz (BR-040). Emerge, assim, **uma nova geografia da Baixada Fluminense**, calcada no desenvolvimento, no entendimento desta região como espaço luminoso (SANTOS, 1996) e terra de oportunidades de negócios diversificados.

Não é por outro motivo que este *Alma(naque)... da Baixada!*, escrito pelos professores Alex Lamonica Magalhães, André Santos da Rocha, Margarida Carvalho de

Santana e Sidney Cardoso Santos Filho com recursos do Edital Apoio à Produção de Material Didático/2009 da FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, é tão oportuno! Esta nova realidade – *que, evidentemente, não resolve os problemas sociais históricos da região* – ainda é desconhecida. Há que se reconstruir a alma da Baixada Fluminense, afinal, segundo Jean-Jacques Rousseau, *“a alma resiste muito mais facilmente às mais vivas dores do que à tristeza prolongada”*³. É hora de olhar para as novas dores do desenvolvimento, e, assim, convoco os autores a assumirem também este compromisso analítico em uma oportunidade futura!

Assim, *Alma(naque) da Baixada!* ultrapassa sua condição de guia, de catálogo. Este livro corresponde a um esforço interpretativo desta nova Baixada que se descortina no tempo presente. Trata-se de um trabalho eminentemente didático, voltado para diferentes segmentos de ensino (fundamental, médio e superior), com linguagem simples e direta, e rico em mapas, dados, quadros-síntese, ilustrações esquemáticas, fotografias, caixas de informações e questões para reflexão.

O trabalho que agora resenhamos é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *“Baixadas & Baixada Fluminense”*, remonta a dificuldade de limitar esta região – cuja demarcação é tributária de uma leitura estritamente vinculada à geografia física fluminense –, bem como apresenta as inúmeras “Baixadas” existentes no que hoje identificamos como Baixada Fluminense.

Assim, a grande região geomorfológica denominada Baixada Fluminense, que vigorou particularmente na primeira metade do Século XX, atravessava o estado do Rio de Janeiro e englobava as baixadas dos Goytacazes, de Araruama, de Sepetiba e da Guanabara. A transmutação desta classificação, baseada nas áreas rebaixadas do relevo do estado, para um recorte espacial do entorno da cidade do Rio de Janeiro pautado em questões sociais faz com que ainda hoje não sejamos capazes de asseverar, com precisão, os limites definitivos do que entendemos como Baixada Fluminense. Além disso, se antes o estigma da violência e da pobreza era a representação reinante, hoje, ao percorrermos algumas áreas centrais – o centro expandido de Nova Iguaçu, por exemplo – não reconheceremos tais marcas paisagem

³ *“L'âme résiste bien plus aisément aux vives douleurs qu'à la tristesse prolongée”*. Jean-Jacques Rousseau. *Les pensées de J.J. Rousseau, citoyen de Genève*, 1763, p. 314.

urbana hegemônica, impingida de prédios sofisticados e restaurantes, bares, academias e outros serviços de classe média que já se tornam preponderantes.

No capítulo 2, *“Baixada no Contexto Metropolitano”*, os autores empreendem uma análise das trocas comerciais da região com a metrópole, e avaliam as novas dinâmicas econômicas do presente. Isto se explica em grande parte pelo fato da Baixada ser estrategicamente localizada: é uma área contígua à cidade do Rio de Janeiro, recortada por eixos de transporte (rodoviários, ferroviários e com a presença do Porto de Itaguaí) e com infraestrutura suficiente se “defender” na atual “guerra de lugares” (SANTOS, 1996). A Baixada convive com o transbordamento econômico da metrópole!

Além disso, vale acrescentar: no atual momento de recomposição metropolitana fluminense – *afinal, a rigor, quais os limites da área metropolitana do Rio de Janeiro na atualidade?* – e novas disposições produtivas no interior do estado (OLIVEIRA, 2008; SILVA, 2012; e também, OLIVEIRA et. al., 2014), o papel da Baixada Fluminense é fundamental: elo entre a metrópole e a Região do Médio Vale Paraíba Fluminense, cuja especialização é metal-siderúrgico-automobilística; área de expansão imediata da metrópole, uma vez que o município do Rio de Janeiro se qualifica cada vez mais como “cidade-espetáculo”, com foco nos serviços; fonte de mão-de-obra, não somente não-qualificada e barata como outrora, mas agora também instruída, capacitada e bem-formada nas universidades, institutos federais e outros centros de instrução – das diferentes esferas públicas e da iniciativa privada – que surgem, são ampliados ou se consolidam no papel de educar-instruir-qualificar os moradores da região. Sabemos historicamente o quanto o processo modernização-desenvolvimento é seletivo espacialmente, mas não há dúvidas que vem ocorrendo mudanças na dinâmica da Baixada Fluminense, que tende a cumprir novas funções na economia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Por fim, no “Capítulo III – A Baixada Fluminense e seus Municípios”, os autores nos apresentam as cidades existentes na região. Após grave estilhaçamento de cidades como Nova Iguaçu (SIMÕES, 2007), que originou somente desde o ano de 1990 os municípios de Belford Roxo, Japeri, Mesquita e Queimados, é necessário reconhecer cada uma destas cidades, sua história, sua conformação territorial, além de dados sobre a população e economia. Com inspiração no que há de melhor nos antigos de

livros de geografia, os autores enriquecem este quadro-síntese com os brasões de cada municipalidade, com referências das principais instituições de pesquisa, patrimônio natural e cultural existentes em cada uma e até mesmo explicações sobre o nome de cada município. Assim, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica são apresentadas, de forma concisa e profícua, aos leitores do “(Alma)naque”, numa leitura capaz de amalgamar o rico passado histórico e o presente-futuro, que se coloca como promissor.

O que encontramos neste livro que aqui resenhamos é, acima de tudo, uma leitura militante e apaixonada. Os leitores são verdadeiramente convidados a vivenciar esta nova Baixada Fluminense, compreendendo suas potencialidades e desafios. *Alma(naque) da Baixada!* preenche assim uma lacuna para professores de geografia, história e áreas correlatas: é um livro com informações relevantes, atuais e vivas desta região que se desenvolve velozmente, e que assim exige a constituição de novas matrizes discursivas e novas ações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao Extermínio uma história de violência na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro, APPH-Clio, 2003.

GOMES FILHO, Júlio César. O Arco Rodoviário Metropolitano como Elemento de Reestruturação do Espaço Fluminense. *Continentes: Revista de Geografia do Depto. de Geociências da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*. Revista Semestral – Ano 2, número 2, Jan. / Jun. 2013, p. 147-163. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/revistacont/index.php/continentes/article/view/16>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2004 [1989].

HOOGVELT, Ankie. *Globalization and the PostColonial World: The New Political Economy of Development*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1997.

MORAIS, Marcelo Loura de. A Baixada Fluminense "Respira os Ares do Progresso": Um Estudo do Distrito Industrial de Queimados – RJ. *Continentes: Revista de Geografia do Depto. de Geociências da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, ano 3, n. 4, Jan. / Jun. 2014, p. 154-179. Disponível em:

<http://r1.ufrrj.br/revistaconti/index.php/continentes/article/view/44>. Acesso em: 05 de novembro de 2014.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. Geografia Econômica e Reestruturação Espacial Contemporânea: Passado e Presente, Desenvolvimento e Utopística. *Espaço e Economia* [Online], 4 | 2014a. Disponível em: <http://espacoeconomia.revues.org/855>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. Geografia Urbana e Desenvolvimento Sustentável: Notas acerca da Reestruturação Espacial Contemporânea. In: OLIVEIRA, Floriano Godinho De; FREIRE, Désirée Guichard, MASCARENHAS, Gilmar; OLIVEIRA, Leandro Dias de. (Orgs.). *Geografia urbana: ciência e ação política*. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2014b.

OLIVEIRA, Leandro Dias de; MOURA, Ernane Fernandes; CHAGAS, Guilherme Mapelli; MORAIS, Marcelo Loura de. A Reestruturação Territorial-Produtiva Fluminense: Notas sobre Geografia da Indústria e Desenvolvimento Econômico. *Continentes: Revista de Geografia do Depto. de Geociências da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, ano 3, n. 4, Jan. / Jun. 2014, p. 202-208. Disponível em: <http://r1.ufrrj.br/revistaconti/index.php/continentes/article/view/46>. Acesso em: 05 de novembro de 2014.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. *Reestruturação produtiva, território e poder no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2008.

ROCHA, André Santos da. *As representações ideais de um território: Dinâmica econômica e política, agentes e a produção de novos sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós-1990*. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Robson Dias da. *Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro (1990-2008)*. Rio de Janeiro: Editora FGV [Faperj], 2012.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *A Cidade Estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2007.

Recebido em 07 de novembro de 2014.

Aceito em 21 de dezembro de 2014.